

ARTIGOS

PÚCHKIN — POETA NACIONAL DA RÚSSIA

Hesíodo Facó

Participar de um ciclo de conferências para assinalar a passagem do sesquicentenário da morte de Alexandre Púchkin, inserido nas festividades de instalação de uma Casa de Cultura Russa da Universidade Federal do Ceará, é para mim um motivo de grande emoção.

Parece um sonho que eu esteja aqui, acompanhado de colegas da Universidade Estadual de São Paulo e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para assistir a essa manifestação cultural e acadêmica que, a meu ver, se reveste de muita significação e representa um marco simbólico na história da vida universitária do país. Mais uma vez a Universidade Federal do Ceará, que teve vida pujante desde a sua fundação em 1955, assume uma atitude de vanguarda e pioneirismo.

Adstritos até hoje às Universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, os estudos de cultura eslava, e particularmente de cultura russa, têm agora uma perspectiva universitária bem maior, com a criação de uma casa de cultura em uma Universidade brasileira. Merecem os melhores louvores pelo acontecimento o Magnífico Reitor Professor Hélio Leite e a Professora Ivanova Dias Soares, chefe do Departamento de Letras Estrangeiras, que deu início aqui ao ensino da língua russa e que está promovendo, de maneira muito segura, o desenvolvimento desse setor acadêmico.

Se falo da emoção que sinto neste momento, é que há fatos de minha vivência pessoal que a justificam. Participei, trabalhando na administração e no ensino, dos primeiros anos de vida desta Universidade, sob a batuta de seu fundador e primeiro reitor, o professor Antonio Martins Filho, extraordinário líder e homem de ação.

Dessa fase inicial da Universidade me vêm à memória, além dos companheiros da minha geração, jovens docentes e alunos, cuja carreira universitária foi brilhante e está plenamente realizada.

Entre esses jovens não posso deixar de destacar o atual Reitor da Universidade, que naquela fase inicial foi um grande líder estudantil. Chefe do Diretório Central dos Estudantes e membro, ao meu lado, do Conselho Universitário, Hélio Leite, com o seu entusiasmo de idealista e sua firmeza de convicções, era para mim, naquela época, a comprovação de que a vida de uma Universidade está, em grande parte, na efervescência polêmica das idéias, no benfazejo e dinâmico confronto das gerações.

Não poderia deixar de ser uma grande alegria para mim estar presente neste momento, em que aquele jovem líder estudantil, de idéias avançadas e dotado de muita tenacidade, preside, como Reitor, à inauguração de uma Casa de Cultura Russa na Universidade, numa proclamação eloqüente de que a cultura não tem fronteiras, de que a resistência do passado, encastelada nos preconceitos, há de ceder ao impulso consciente e tenaz de quantos, imbuídos de verdadeiro idealismo, aspiram à melhor evolução individual e social da humanidade e por ela lutam.

O curso natural das minhas idéias me leva a um dos motivos mais íntimos da minha emoção e, ao mesmo tempo, ao tema desta palestra. Dificilmente encontraríamos, em toda a nossa cultura moderna, um manancial mais rico e mais puro de idéias positivas em favor do homem e de sua elevação intelectual e moral, do que no conjunto da obra de Alexandre Púchkin.

Apaixonado, desde muito moço, pela leitura dos escritores russos do século XIX e, particularmente, pela luminosa e cristalina mensagem da poesia de Púchkin, sempre estive sujeito à tentação de ler e reler este poeta.

Quantas vezes, naqueles primórdios desta Universidade, sonhei em poder transmitir a um grupo de alunos aquela minha vivência com as idéias de Púchkin. Mas era um sonho! E agora, decorridos mais de vinte anos, tendo-me tornado professor de literatura russa noutra Universidade, sou chamado a falar aqui, num seminário de alto nível, sobre aquele poeta dos meus encantos!

Ah! meus amigos, quanto caminho percorrido até este momento, que está ligado ao meu trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro, para onde fui transferido em 1968.

Ali fui encarregado, pelo então diretor da Faculdade de Letras, professor Afrânio Coutinho, que me deu corajoso e decidido apoio, a organizar um novo curso — o Curso de Língua e Literatura Russa!

Não foram poucas as dificuldades enfrentadas, pois os ventos da política nem sempre eram favoráveis a estudos relacionados com a União Soviética, com a qual o Brasil não mantinha relações culturais. Com esforço e perseverança, o curso no Rio foi ministrado e hoje, serenada a tempestade, já antevemos um maior e mais próspero intercâmbio cultural, o que abrirá, e está abrindo, novas perspectivas ao estudo da cultura eslava no país.

Como em todo empreendimento humano, conduzido com diligência e entusiasmo, há vitórias a registrar. Dos sete professores que hoje integram o Setor de Língua e Literatura Russa na Faculdade de Letras da minha Universidade, cinco foram formados na Universidade, fazendo cursos de graduação e especialização na própria Faculdade. Um desses mestres é o professor Alberto de Souza Pinto Filho, que será um dos conferencistas neste seminário.

É, pois, evidente que estou neste momento motivado para dizer o que sinto e para viver agora, no Ceará, uma oportunidade que muitas vezes desejei ter, quando convivia com os professores e alunos desta Universidade.

Neste ciclo de conferências, cabe-me a tarefa de apresentar uma visão panorâmica de Púchkin (Alexandre Serguêievitch Púchkin, poeta russo, nascido em 1799 e falecido em 1837). Os demais participantes: professor Horácio Dídimo, desta Universidade, professora Aurora Bernardini, da Universidade de São Paulo, professora Tatiana Mariz e professor Alberto Pinto, da minha Universidade, analisarão aspectos, genéricos ou específicos, da obra de Púchkin. Na minha exposição, para dar uma idéia, tanto quanto possível clara, da importância que tem Púchkin para o povo russo, vou deter-me particularmente numa questão: Por que e como Púchkin é o poeta nacional da Rússia?

Que é ser o poeta nacional? É ser um Dante para a Itália. É ser um Camões para Portugal. É ser um Goethe para a Alemanha. É ser aquele poeta que consegue encarnar e refletir os sentimentos mais espontâneos, mais vivos e imanentes de um povo. É aquele que, por um talento excepcional que se enquadra nos parâmetros da genialidade, consegue cantar com a própria alma as alegrias e os sofrimentos, passados ou

presentes, de seus compatriotas e, adivinhando-lhes os anseios, consegue expressar as suas melhores esperanças para o futuro, próximo ou remoto.

E que deve ter um povo, para dar ensejo ao surgimento do poeta nacional? Deverá ter tradições sólidas e respeitáveis pela capacidade de sua gente para a ação e para a resistência à adversidade; deverá ter conquistas gloriosas e inesquecíveis, ou uma manifestação inequívoca de ser capaz dessas conquistas por amor à terra e à comunidade nacional.

O povo da nação russa, hoje União Soviética, tem essas tradições e essas virtudes. Por isso, Púchkin, que nasceu em terra russa, dotado de espírito genial, sendo poeta da mais pura inspiração, tornou-se o poeta nacional. Certa vez, ele próprio, numa poesia de 1831, definindo o poeta, deu, a meu ver, a melhor descrição do poeta nacional, pois este há de ser aquele capaz de perceber tudo que acontece a seu redor ou que se lhe conta, a ponto de, com a sua lira, estar apto a reproduzir o que apreendeu, como se fora um eco, necessariamente fiel e exato. São versos daquele poema:

E C O

Ao rugir da fera na densa floresta,
Ao soar da corneta, ao rolar do trovão,
Ao canto da menina no alto da colina,
A todo e qualquer som
Tu respondes, no vazio da amplidão,
Com teu próprio e repentino reflexo.
Percebes o estrondo dos trovões
Na voz da tempestade e das vagas,
Percebes a voz dos pastores
E a tudo prodigas respostas,
Sem discriminar jamais.

Assim és tu, poeta!

Todos os russos cultos ou mesmo os que se limitaram a uma formação de nível médio têm esse sentimento em relação a Púchkin. Eles têm a sensação de que o seu gênio abrangente penetrou todas as esferas das conquistas humanas de que participou o povo da terra em que nasceu. E assim Púchkin é um eco do seu mundo, mas um eco apaixonado e sensível. É comum ouvir de um russo que não se impressiona, praticamente, com literatura, responder à pergunta — Você gosta de poesia? — com estas palavras: — Só de

Púchkin. E o poeta para eles não está morto, acompanha-os desde a infância, nos livros escolares, até a velhice, nas repetidas leituras, nas óperas a que assiste, e muitas vezes em numerosos versos aprendidos de cor e que nunca são esquecidos.

Dada a perenidade de sua aceitação por todos os russos e em todas as regiões daquele imenso país, tem-se mesmo a impressão de que ele está fora do tempo e do espaço. E o mais impressionante é que o próprio poeta teve a antevisão dessa sua perenidade, quando a exemplo do poeta latino Horácio, disse, numa imorredoura poesia, que durante séculos não seria esquecido, que nos mais recônditos rincões da pátria a sua voz estaria presente. É este o teor, numa tradução linear e mais aproximada possível de sua poesia, que intitulou, parodiando o poeta latino.

EXEGI MONUMENTUM

Eu construí meu próprio monumento,
Mas não o construí com as mãos.
O caminho que levará o povo a ele
Não será jamais obstruído por vegetação.
Ele ergue a sua frente rebelde
Mais alto do que a coluna alexandrina.
Não, não morrerei totalmente. A minha alma
Na minha lira sagrada há de sobreviver às minhas cinzas
E será salva do nada.
A minha glória há de durar enquanto viver
Neste mundo um só poeta.
E o eco de meu nome há de espalhar-se por toda parte,
Através da imensa Rússia.
Todos os povos que se fixarem aqui dirão o meu nome:
O altivo descendente do eslavo, o finlandês,
O tungus, até agora selvagem,
E o kalmuk, amigo das estepes.
Por muito, muito tempo serei querido do povo
Por ter despertado, com a minha lira, sentimentos nobres
E por ter, neste século cruel,
Pedido clemência para os que desfaleceram.
Ó musa, obedece à vontade divina:
Sem temer ofensas e sem pleitear coroas,
recebe, indiferente, elogios ou calúnias,
sem contradizer os pobres de espírito...

Se nos perguntassem quem foi Púchkin, poderíamos responder assim:

Foi o maior poeta russo de todos os tempos. Pode ser considerado a pedra angular de onde parte e se alça a literatura russa do século XIX. Escreveu em prosa e em verso e foi exímio nos mais variados tipos de composição literária.

Viveu 37 anos e, escrevendo apenas 22, de 15 a 37 anos de idade, teve tempo de deixar uma obra que o consagrou mestre de prosa, romântica e realista, dramaturgo, e excelso poeta, maior entre os melhores.

Púchkin morreu trágica e traiçoeiramente, num duelo que contou com a conivência do poder imperial da Rússia, porque a sua lira, audaz e libertária, era incômoda aos interesses do autoritarismo.

A história desse duelo bem merece um esclarecimento. Púchkin, para que a esposa pudesse freqüentar as festas dos nobres e da corte imperial, foi impelido a aceitar um cargo junto ao Imperador, que corresponderia, mais ou menos, ao de um oficial de gabinete de alto luxo.

Essas funções, que o obrigavam mesmo a usar um uniforme, eram de fato constrangedoras e a vida do poeta ficou impregnada de muitos mexericos de salão. A sua belíssima mulher, Natalia Gontcharova, era cobiçada e cortejada, sobretudo por um diplomata francês, de nome George D'Antès. A maledicência cresceu de tal maneira, com velado apoio dos círculos oficiais, que Púchkin acabou forçado, por uma questão absoluta de honra, a desafiar D'Antès para um duelo. E nesse duelo foi ferido mortalmente.

Consumado o fato, a nação russa despertou: um estrangeiro havia praticamente assassinado seu maior poeta. Foi imensa e repercussão da catástrofe e o poeta cresceu de imediato com a sua morte.

Miguel Liermontov, outro grande poeta do século, que quase naturalmente tornou-se o continuador de Púchkin, tinha na época apenas 23 anos de idade e escreveu a famosa e revolucionária ode A MORTE DO POETA, da qual podemos citar estes versos:

"O sol da nossa poesia se eclipsou. Púchkin morreu! morreu em plena flor da idade, na metade de sua magnífica carreira. Não temos forças para acrescentar mais nada. Aliás, para que serviria? Todo coração russo sabe o que significa essa per-

Mariz. Para termos uma idéia da importância dessa obra na literatura russa, basta lembrar que o personagem *Eugênio Oniêguin* é a raiz de muitos personagens significativos de romances russos do século XIX.

Nesse mesmo livro Púchkin dá ênfase especial a uma tese sutil sobre o tema do amor. Este se apresenta sob uma visão literária nova: Não é tão importante ser amado como é importante amar. Esta mesma tese constitui a essência de uma canção popular russa moderna, em que se canta ser terrível deixar de ser amado, mas infinitamente pior deixar de amar.

O passado da pátria, Púchkin o cantou no poema épico *Boris Godunov* e escreveu também romances históricos, além de numerosos contos, que serviram e servem de modelos perfeitos para o gênero. Alguns desses contos são nítida e impressionantemente realistas.

Para aqueles que acusam Púchkin de imitador de Byron, basta responder que dificilmente pode haver coisas mais contrárias do que o autor de *Childe Harold*, auto-retratando-se em todos os personagens, e o autor de *Eugênio Oniêguin*, representando de modo objetivo e perfeito um mundo externo, observado e interpretado!

A significação de Púchkin na história da evolução da sociedade e da literatura russa é simplesmente colossal. Ele atinge o cume, somando tudo que lhe precedeu, observando os ecos das correntes literárias do século XVIII na sua obra e com ela abrindo os horizontes para a grande literatura que se seguiria. Alguém disse que Púchkin lançou um desafio e gigantes como Gogol, Liérmontov, Turgueniev, Tolstoi e outros grandes nomes o aceitaram. O crítico Vissarion Bielinski escreveu:

"Púchkin é um daqueles fenômenos que vivem e se movimentam eternamente, não cessando com a morte, mas prolongando-se na consciência social. Cada época pronuncia sobre ele o seu julgamento, deixando sempre ao futuro outras apreciações, que crescem e não se esgotam. É difícil estimar a extensão da reforma que Púchkin introduziu na poesia, na literatura e na língua russa."

Quanto aos postulados artísticos de Púchkin e a sua posição literária em face da realidade, passo a dar algumas indicações para que melhor se compreenda o sentido geral de sua atitude como escritor e poeta.

Para Púchkin a arte é um valor absoluto, uma força elementar, que dispensa fundamentação, que não precisa ser justificada e que vive pelas suas próprias leis. Isso é válido também para o artista: um ser humano com erros e fraquezas, como todo mortal, mas, na qualidade de serventuário da arte, soberano e independente.

Púchkin nega o princípio da arte pela arte, pois vai além: a arte não existe à margem da vida, não é um mundo isolado a que só devem ter acesso os artistas. A torre de marfim do artista seria para Púchkin uma degradação da arte, pois esta faz parte da ordem universal e, portanto, da vida humana. A arte é um componente essencial da vida e não um complemento para deleite de iniciados ou momentos de ócio. Se a arte não está devidamente entrosada com a vida e nela enraizada, é uma arte incompleta, uma mistificação. Quem quer construir a arte teoricamente, pelas suas medidas, rebaixa-a e se atribui poderes que a ninguém competem, nem mesmo ao melhor artista.

Segundo Púchkin, a arte só pode ser extraída da plenitude do mundo e só se pode perceber a sua atuação nessa plenitude. Para ele a realidade não é necessariamente o fundamento da arte. E indaga: o que há de artístico no mundo? É essa a essência de seu realismo. É uma arte voltada para a vida. Não põe a arte a serviço da realidade, mas entende a realidade, tal qual é, como uma obra de arte.

Púchkin foi o primeiro escritor russo a mostrar que o homem, no seu mundo interior, com todas as suas tensões e contradições, pode ser apresentado artisticamente.

Para ter uma ligeira visão da mensagem poética de Púchkin, vejamos um pouco de sua poesia, em traduções feitas por mim com o propósito de conservar o mais possível a mensagem ideológica, sem subordiná-la a quaisquer imposições do versejar em português. Essas traduções são feitas assim, dada a minha convicção de que há muita poesia nos pensamentos contidos nos versos de Púchkin. É certo que não podemos captar o mundo de harmonia e luz que existe nas palavras e no ritmo original, mas a mim parece menor a perda neste sentido do que numa tradução livre em bons versos, que passam a ser mais a obra do poeta tradutor do que a do autor, cuja genialidade dificilmente se imita e mais dificilmente ainda se iguala.

Há um outro fator que me apóia na convicção de que Púchkin assim traduzido fica mais transparente ao leitor estran-

geiro que não possa lê-lo no original. É que os seus versos são escritos em estilo muito simples, com vocabulário quase coloquial. Foi um dos traços mais característicos de seu gênio conseguir fazer poesia perfeita, estilisticamente intocável, com as palavras que o povo usava. Com isso criou, praticamente, uma nova língua literária, simbiose do velho eslavo e do russo falado no seu tempo. Já pude observar que a tradução linear de poesia russa para uma língua neolatina permite, às vezes, transmitir harmonicamente até o ritmo e a seqüência das imagens. O deslocamento dos versos ou a omissão de muitas palavras para favorecer o texto poético no idioma para o qual se quer traduzir, não raro desfigura a mensagem, sem que se consiga ter uma nova criação poética à altura do original.

Por outro lado, esse processo por mim adotado é em grande parte didático, pois traduzo pensando nos meus alunos que desejam aprender o russo. Não quero com essas afirmações tirar e nem mesmo diminuir o mérito daqueles que, com boa inspiração, fazem traduções mais livres. Há algumas de grande beleza, mas em massa dificilmente se consegue esse resultado. Bom exemplo disso são os livros de tradução editados na União Soviética. Quando o tradutor, sobretudo para a língua inglesa, faz uma tradução livre, a mensagem não corresponde ao impacto do original e muitas vezes de um russo praticamente coloquial passa-se para um inglês literário, elevado de palavras de uso seletivo e raro.

Toda essa explicação vale também como um pedido de desculpas aos ouvintes e sobretudo ao espírito do próprio Púchkin que, confesso, traduzo com muita resistência, pensando: como seria bom se todos o pudessem ler no original, sentindo a música de suas palavras e de suas sílabas, que parecem encaixar-se miraculosamente para formar um mosaico perfeito, em que ninguém tropeça, em que se desliza com a alma leve e cheia dos mais belos sonhos! Creio que essa é, sem dúvida, uma das razões que muito influíram para torná-lo o poeta mais querido na Rússia, sem esquecer, naturalmente, as suas idéias de puro sentido humano e humanitário, sem esquecer o amor que consegue transmitir ao aplicar a sua arte genial de dizer as coisas em verso.

Sobre a simplicidade que caracteriza a obra de Púchkin, é oportuno lembrar que simplicidade implica profundidade. Ser simples é conseguir dizer com palavras simples o que é importante, o que é essencial. Se atingimos a essência das coisas, é

que nos estamos aprofundando. É por isso que muitas vezes é difícil compreender o simples. Nem todos têm a capacidade de mergulhar até a essência. Esta pode estar clara, manifestada de modo quase óbvio e alguém não ter a possibilidade de vê-la. É por isso que não raro o que é simples é acimado de superficial. Mais uma contradição do espírito humano, entre tantas e tantas que nos adornam.

Com muito acerto, um escritor russo contemporâneo, Boris Búrsov, definiu Púchkin como o poeta da simplicidade e da profundidade. Com quem não percebe essa verdade, não adiantará discutir. O próprio Púchkin, na sua poesia *Exegi Monumentum*, nos dá uma sugestão, quando pede à musa que o ajude a não temer ofensas, a não buscar elogios, a não contradizer os pobres de espírito...

A poesia de Púchkin traduzida em prosa, tanto quanto possível poética e ritmada, tem condições de revelar, apesar de traduzida, muito da profundidade e do sentido noético do autor, bem como a impressionante simetria das idéias. Estas não precisam de palavras difíceis nem símbolos enigmáticos, porque a concepção artística do poeta, como já disse, era de uma arte acessível, de que muitos pudessem fruir. A aceitação entusiástica de seus versos através do tempo e do espaço na grande extensão territorial da União Soviética prova com evidência que ele conseguiu esse desiderato.

No início desta exposição, já lemos duas poesias de Púchkin, quando acentuamos as suas características de poeta nacional. Numa dessas poesias ele enaltece a alta missão do poeta, por ser ele um espelho da realidade que o cerca, por ser *justo* ao não excluir nada que seja artisticamente representável. Nessa primeira poesia lida por mim — *O Eco* — Púchkin prega sutilmente o seu postulado de uma arte olímpica, cujo serventário, o poeta, está dotado de poderes excepcionais, aos quais nada escapa. Nessa concepção, ele acompanha Goethe, a quem chamava de mestre.

Vale a pena exemplificar essa coincidência de pontos de vista dos dois grandes gênios. Num dos próloqos do primeiro *Fausto*, Goethe faz dizer ao poeta estas palavras:

“Como é que o poeta comove os homens e submete os elementos? É pela harmonia que lhe jorra do coração e reconstrói o universo. Enquanto a natureza indiferente enoveia no fuso sem narrar o seu fio interminável, enquanto a multidão dis-

cordante das criaturas humanas se lança em confusa dissonância, quem é que introduz a ordem e a vida, comunicando ritmo e movimento? Quem consagra a parte como elemento de um todo, no qual ela vibra em majestosos acordes? Quem desencadeia a tempestade da paixão e ilumina o ocaso na alma amadurecida? Quem junca de flores da primavera as sendas da bem-amada? Quem entrança as mais simples folhas verdes em douréis para ornamentar a virtude? Quem garante o Olimpo aos heróis e congrega os deuses? É o gênio humano que se encarna no poeta.”

Essa bela página poética de Goethe, em que expressa a missão que compete ao poeta e afirma o postulado de uma arte olímpica, de que Púchkin comunga, está resumida nos poucos versos da poesia *Eco*, em que é atribuída ao poeta a capacidade de reproduzir com absoluta fidelidade tudo que observa e assimila, tal qual o desempenho de fiel repetição do fenômeno físico do *eco*!

A segunda poesia lida no início desta palestra foi aquela em que Púchkin diz ter construído o seu monumento, feito não com as mãos mas de palavras, de palavras que valem ações, pois são palavras em defesa dos oprimidos, palavras que clamam liberdade. E aí o poeta afirma a sua convicção de que palavras assim atuam e permanecem, duram como um monumento. Púchkin não diz expressamente na sua poesia, mas sabemos que *monumento* vem do verbo *moneo* — *monere*, que significa advertir, fazer lembrar, fazer pensar.

Com essa poesia Púchkin não se enaltece vaidosamente, mas afirma a sua crença em que a palavra constrói, que é válido clamar contra a injustiça e a opressão, que essas são palavras que não se dissipam, que se transmitem no tempo e no espaço, pela vastidão das terras russas e ao longo dos anos ou mesmo dos séculos que passam.

É interessante também observar que com essa poesia Púchkin dá uma lição que seria aprendida e seguida por gerações de poetas no futuro, notadamente pelos poetas soviéticos da atualidade. A poesia é bela, pois é arte, mas ao mesmo tempo pode ser didática, pode constituir monumentos a serem lembrados para a defesa dos compatriotas e para o bem da humanidade.

O seu amor à liberdade, a sua revolta contra a opressão, a sua defesa dos fracos, Púchkin os exprime em inúmeras de suas poesias, sempre com o mesmo estilo simples e objetivo. Em poucos versos, às vezes manda toda uma mensagem, capaz de provocar uma revolução, de desestabilizar uma fortaleza de hábitos arraigados que contrariam os princípios da liberdade, que agridem a personalidade do homem. Um exemplo desse procedimento são estas duas quadrinhas escritas em 1823:

PASSARINHO

Em terra estranha cumpro fielmente
Um costume antigo da pátria:
Ponho em liberdade um passarinho
Na festa luminosa da primavera.

E me sinto reconfortado:
Por que hei de me queixar de Deus,
Se pelo menos a uma criatura
Eu pude dar a liberdade?

O original desta poesia está escrito com as palavras que estão aí traduzidas literalmente e que são termos simples, de russo coloquial, ontem e hoje. O poeta não se queixa de estar exilado, fora da pátria, mas se alegra em poder simbolizar o seu anseio de liberdade, que deve caber a todos os seres vivos. O fato de estar exilado ou perseguido não impede ao ser humano de agir, se lhe é dada a oportunidade, em favor da liberdade de outrem.

Sobre o mesmo tema, referindo-se a uma águia aprisionada, Púchkin escreveu outra poesia, retratando uma situação em que ele não tinha condições de agir para libertar a ave, mas juntos podiam sonhar com a liberdade, fraternalmente podiam aspirar à libertação nas alturas siderais, onde a águia compete com o vento na amplidão.

PRISIONEIRO

Das grades da prisão úmida e sombria,
Contemplo uma triste águia criada sem liberdade,
Meu desventurado companheiro. Batendo as asas,
junto à minha janela bica a comida sangrenta,

Bica, joga para longe e olha para mim,
Como se pensasse como eu.
Chama-me com o seu olhar e com o seu grito
E parece dizer-me — vamos voar.

Nós somos pássaros livres, já é tempo, irmão,
De ir para lá, onde atrás das nuvens os montes alvejam
Para lá, onde azulam as praias do mar,
Para lá, onde só passeamos o vento e eu.

O mesmo anseio de liberdade não conquistável está em muitas outras poesias, entre as quais uma que é de profunda contemplação da natureza exuberante do Cáucaso. O símbolo do prisioneiro nesta poesia é o rio que não pode sair de seu leito, entre os desfiladeiros mudos e inexoráveis. Esse símbolo prisão está mesclado com a vida alegre dos homens. É poesia escrita em 1829:

O CÁUCASO

O Cáucaso abaixo de mim. Eu só nas alturas,
Acima da neve, na borda da rocha escarpada;
Uma águia, alcançando-se de um cimo distante
Paira imóvel no mesmo plano que eu.
Daqui vejo o nascer dos rios
E o primeiro movimento das avalanches.

As nuvens deslizam embaixo,
Através delas se precipitam e rugem as cascatas,
Que banham gigantes rochosos.
Lá embaixo o musgo rasteiro e o espinhal ressequido.
E logo além o arvoredo e o feno verdejantes,
Onde os pássaros gorjeiam e os cervos saltitam.

Ali já os homens se aninham nas montanhas
E as ovelhas sobem as encostas douradas,
O pastor desce às campinas risonhas,
Onde o rio Aragva corre entre as margens sombreadas.
E o cavaleiro indigente se abriga nos desfiladeiros,
Onde o rio Tereg se expande em esfuziante alegria.

Brinca e uiva como uma fera nova
Que da jaula cobiça a comida.
E bate contra as pedras numa luta inútil.
Lambe as rochas com as ondas famintas...
É em vão. Não lhe cabe alimento ou consolo.
Prendem-no inexoravelmente os mudos rochedos.

Essas características de liberdade e de revolta contra a opressão dão à poesia de Púchkin um belo sentido revolucionário. Sobre este tema ouviremos neste seminário uma conferência do Prof. Alberto de Souza Pinto Filho, da minha Universidade.

E já que falo de conferências que vamos ouvir aqui, lembro que amanhã teremos a palavra da Prof^a Aurora Bernardini, da Universidade de São Paulo, sobre o tema "Púchkin — tradição e modernidade."

Púchkin, poeta inimitável e intraduzível, atinge o ápice de sua perfeição nas manifestações líricas. Seu verso é livre, imponderável, melodioso. Uma de suas páginas líricas mais famosas é aquela a que não deu título nem dedicou a ninguém expressamente.

A história que deu motivo a essa poesia pode ser resumida em poucas palavras. Mas a destinatária e a história pouco importam. A mensagem da poesia é bem outra. Vejamos o texto para comentar depois:

LEMBRO-ME DAQUELE INSTANTE MARAVILHOSO (1825)

Lembro-me daquele instante maravilhoso,
Em que diante de mim apareceste.
Como uma visão repentina
Vi um gênio da mais pura beleza...

Na angústia da tristeza sem esperança,
Na inquietude da vida ruidosa
Ouvi a tua voz carinhosa
E sonhei com as tuas feições queridas.

Passaram-se anos. A tempestade das paixões
Dispersou os sonhos de outrora
Eu esqueci a tua voz carinhosa
Esqueci as tuas feições queridas.

Na sombra solitária do meu cárcere
Arrastaram-se anos de minha existência:
Sem divindade, sem inspiração...
Sem lágrimas, sem vida, sem amor...

Mas de novo a minha alma desperta:
Novamente diante de mim apareceste.
A mesma visão repentina,
O mesmo gênio da mais pura beleza.

Inebriado bate o coração
Para ele tudo renasce:
A divindade, a inspiração,
A vida, as lágrimas, o amor.

Sabemos que essa poesia se destinava a Anna Kern. Em 1819 Púchkin havia encontrado uma moça. Seis anos depois a reencontra em Mikhailovskoie em casa de vizinhos, casada e levando uma vida leviana. Púchkin endereça os versos a uma desconhecida: a preposição K, que significa a, seguida de três asteriscos, que têm por objetivo anegar a pessoa real.

A realidade dá a explicação de tudo que o poeta quis expressar: a sua libertação de um sonho. Dois encontros separados por anos de exílio. O primeiro encontro é seguido de torturas e tristeza. O segundo representa a libertação interior, o retorno da felicidade, por ter desaparecido a angústia. No segundo encontro o poeta é um outro. Tudo mudou. A realidade doeu, mas acabou libertando o poeta, fazendo-o voltar à paz interior, que é o que importa.

É que as pessoas ou personagens na poesia muitas vezes são simbólicas, imaginárias, como sem dúvida há muito de imaginário na Beatrice de Dante Alighieri, que simboliza a mulher amada, perfeita em todos os sentidos, livre de qualquer defeito ou falha humana, merecendo sentar-se no trono eterno da maior bem-aventurança, ao lado de Deus todo-poderoso! E assim, quase sem querer, pela grandeza simbólica de sua poesia lírica, volto a mencionar Dante Alighieri, o poeta nacional da Itália, ao lado de Alexandre Púchkin, o poeta nacional da Rússia. Num e noutro a grandeza excelsa da arte poética, que ultrapassa a concepção do homem, se este não se liberta da realidade palpável que o cerca, se não se recolhe na visão de seu mundo interior. É a lição de um grande poeta alemão:

“Queres escrever ou ler poesia? Recolhe-te como se fosses rezar.”

Para dar ainda uma amostra dos incomparáveis versos líricos de Púchkin, vejamos uma de suas mais famosas e conhecidas poesias. Também não tem título e trata de um amor irrealizado, coroadado com uma renúncia absoluta e total. Como todos os versos de Púchkin, é lógico que também estes perdem imensamente com a tradução!

EU TE AMEI (1829)

Eu te amei: talvez do amor
Ainda exista algo na minha alma;
Mas que este amor não mais te perturbe,
De nenhum modo te quero entristecer.
Eu te amei em silêncio, sem esperança,
Torturado, ora pela timidez, ora pelo ciúme,
Eu te amei com tanta sinceridade e ternura,
Como te conceda Deus seres amada por outro!

Li essas poucas poesias de Púchkin sem maiores comentários e sem análise técnica estrutural, pois isso é impraticável em textos poéticos traduzidos. Quis apenas dar uma idéia da inspiração fantástica e ao mesmo tempo objetiva de Púchkin. Foi essa inspiração, aliada a um profundo sentimento humano, social e patriótico, que fizeram de Púchkin o poeta nacional da Rússia antiga e da atual União Soviética, poeta que ninguém superou em terras russas, se pensarmos no somatório de seus talentos e realizações. Não seria exagero afirmar que o russo, ao ler ou ao ouvir Púchkin, tem a sensação de que ele está falando em seu nome, expressando o que lhe vai no mais fundo da alma.

Que hoje na União Soviética essa condição de poeta nacional seja atribuída e reconhecida a Púchkin, está evidente nas manifestações culturais em torno de seu nome e nos pronunciamentos constantes e reiterados de cidadãos, comunidades e governo.

Como disse inicialmente, Púchkin acompanha o cidadão russo desde a escola até a velhice. É pacífica, portanto, a consagração do poeta, que este ano é particularmente festejado por motivo do sesquicentenário de sua morte.

Para demonstrar como essa consagração se iniciou no século passado e permaneceu inalterada neste século e depois da revolução comunista, vamos buscar o testemunho de seis grandes escritores do século XIX e de um grande homem político e acadêmico dos primórdios da União Soviética. Creio que o julgamento desses seis homens, de excepcional talento e de alma genuinamente russa, será o melhor coroamento para a minha exposição.

Já antes aludi ao pronunciamento de Vissarion Bielinski, filósofo e o maior crítico literário na Rússia da primeira metade do século XIX, quando afirmou que "Púchkin era um fenômeno eternamente em movimento e que era difícil estimar a extensão da reforma que ele produziu na poesia, na literatura e na língua russa."

Os seis testemunhos que invoco agora são de Jukovski, Gogol, Turguêniev, Tchernichevski e Lunatcharski.

Vassili Andréivitch Jukovski, grande poeta russo da primeira metade do século XIX, contemporâneo de Púchkin, escreve dirigindo-se a ele:

"Tu não possuis talento e sim gênio... Deverás ser o poeta da Rússia... O caminho que tens a tua frente leva diretamente ao que é grande. Tu sabes como eu amo a tua musa e eu sei que poderás ser a honra e glória da Rússia."

Nikolau Vassilievitch Gogol, grande escritor, também da 1ª metade do século XIX, contemporâneo de Púchkin, escreveu profético depois da morte do poeta:

"Ao nome de Púchkin, imediatamente pensamos no poeta nacional da Rússia. De fato nenhum outro é maior e tem mais direito a ser chamado poeta nacional. Decididamente o título lhe pertence. Púchkin é um fenômeno extraordinário e talvez o único fenômeno do espírito russo. É um homem russo na sua evolução definitiva e outro como ele talvez apareça daqui a dois séculos."

Ivan Serguêievitch Turguêniev, escritor russo do século XIX escreveu:

“Púchkin foi o nosso primeiro poeta artista. Sem falar da varonil excelência, da forma e da limpidez de sua língua — a verdade retilínea, a ausência de mentiras, as frases, a simplicidade, a sinceridade e honestidade de sentimentos — todas as boas características dos homens bons surpreendem nas obras de Púchkin não somente a nós, seus compatriotas, mas também os forasteiros que a ele tiveram acesso. Púchkin deu forma definitiva à nossa língua que agora, pela sua riqueza, pela sua força, pela lógica e beleza da forma, é reconhecida, mesmo por filólogos estrangeiros, como talvez a primeira depois do grego antigo.”

Outro testemunho da Rússia pré-revolucionária, cuja voz queremos ouvir nesse julgamento tão formidável e unânime é a de Fiodor Mikhailovitch Dostoievski.

Quais os elos que ligavam o grande romancista de *Os irmãos Karamázovi* a Púchkin, o luminoso poeta da arte franca e cristalina?

Parece que a alma de Dostoievski, tão notoriamente torturante e mártir ao mesmo tempo, aspirava às alturas olímpicas do gênio de Púchkin. Se havia sombra e luz, como na alma de qualquer ser humano, mas com as proporções da genialidade, na alma de Dostoievski, o seu lado luminoso via em Púchkin um modelo ou um caminho para atingir o bem supremo. E a Púchkin ele, necessariamente, associava o que lhe parecia mais caro e vital, imprescindível à grandeza da pátria russa e à salvação do homem nas esferas do bem e do belo.

Assim, Dostoievski no fundo foi um prisioneiro de Púchkin e essa prisão ele aceitou e a proclamou aos quatro ventos poucos meses antes de sua morte. Se subir às alturas mais puras do espírito e lá encontrar a paz e a salvação simbolizada no Cristo era a meta a ser atingida graças ao amor e ao perdão, o caminho para o russo havia de ser trilhado com o alento da arte imaculada e soberana da arte olímpica de Púchkin, que era de caráter universal.

Púchkin era o evangelho literário de Dostoievski e este de tal maneira cultivou isso em si mesmo desde a adolescência que, no fim da vida, quando lhe coube a incumbência de falar oficialmente de Púchkin a um auditório russo, a sua alma

de nacionalista exultou e o seu extraordinário talento e incontida veemência deram às suas palavras um tom mágico e profético.

Chamado a pronunciar-se sobre o poeta na festa de inauguração de um monumento a Púchkin em Moscou, em junho de 1880, Dostoievski o fez, sentindo a plenitude de sua realização intelectual e patriótica. E nessa ocasião consagrou Púchkin como poeta nacional.

Creio que nunca um escritor aproveitou tão bem uma solenidade, em que, sem dúvida por influência do Poder, pretendia-se criar divergências ou restrições, para firmar a pregação de uma fé e de uma convicção, sentimentos esses que se arraigaram na consciência popular e que nada conseguiu abalar até hoje. Congregaram-se para sempre, ao eco da voz de Dostoievski, propósitos de elevação do ser humano, de pátria e de progresso universal em torno de um poeta: Púchkin, o poeta nacional, sem nenhuma quebra daquela serena e comovente veneração com a mudança do regime político que ocorreria trinta e oito anos depois.

Em maio de 1880 Dostoievski, que estava no apogeu de sua glória depois da publicação do romance *Os Irmãos Karamázovi*, é convidado pela Sociedade dos Amigos da Literatura Russa a pronunciar um discurso em Moscou na inauguração de um monumento a Púchkin.

Havia no ar indecisões e receios. Os ocidentalistas diziam que Púchkin era um grande europeu. Os eslavófilos não ousavam considerá-lo um grande russo. Esperava-se uma palavra para dirimir as dúvidas. Dostoievski sentiu-se profeticamente chamado a pronunciar essa palavra.

A expectativa dos meios intelectuais era enorme. As solenidades deveriam iniciar-se no dia 26 de maio, data do nascimento de Púchkin, mas a morte da Imperatriz determinou duas semanas de luto, de modo que o início só se deu no dia 5 de junho.

Todos os brindes e discursos se referiam a Púchkin, mas ninguém ousava dizer o que ele representava para a pátria.

No dia 7 Turguêniev, o principal representante dos ocidentalistas, pronuncia o seu discurso. Seria Púchkin o poeta nacional, resumindo o gênio particular de sua raça? E Turguêniev responde: "Eu não o afirmo, mas também não ousaria negá-lo." E logo em seguida passa a elogiar Nekrássov — o poeta dos revoltados.

Dostoievski se exaspera, se revolta contra essa atitude, que classifica de manobra hábil. A segunda sessão se realizaria no dia seguinte, quando falaria Dostoievski.

Uma grande sala repleta, um palco vazio, silêncio. De repente assoma Dostoievski naquele palco. Esgotado, enrugado, o seu corpo pequenino e frágil parecia dançar na roupa. Depois de prolongados aplausos começa a ler o seu discurso com uma voz sumida, que vai crescendo e de repente é um vozeirão que enche o ambiente. — “O que é Púchkin? Púchkin é a encarnação do espírito nacional, com sua extraordinária aptidão para compreender o gênio dos outros povos.”

— A significação do homem russo é decididamente européia e mundial. Ser um verdadeiro russo, ser plenamente russo quer dizer — não o esqueçam! — ser irmão de todos os homens!”

Depois de comentar a obra de Púchkin, sobretudo o poema central Eugênio Oniêguin, ressaltando a figura de Tatiana, símbolo da mulher russa, Dostoievski volta ao tema da universalidade do povo russo, partindo da universalidade do poeta. “Se Púchkin não tivesse morrido tão cedo, os russos seriam menos incompreendidos pelos demais homens e haveria menos discórdia entre os próprios russos.”

E conclui:

“Mas Deus não quis assim. Púchkin morreu no desabrochar de suas forças e, sem dúvida, levou consigo para o túmulo um grande segredo. E agora teremos que, sem ele, penetrar esse segredo.”

É evidente que o discurso de Dostoievski, que nos parece até ingênuo em alguns de seus postulados, valeu menos pelos argumentos do que pela emoção que despertou.

E essa emoção simbolizou profeticamente o que aconteceria na nação russa em relação a Púchkin, pois, ali, se presta a ele um verdadeiro culto unânime de admiração e respeito.

Mas, já que estamos tentando apresentar ao auditório uma imagem de Púchkin, vale a pena citar integralmente um trecho daquele memorável discurso de Dostoievski, ressalvado, naturalmente, o exagero nos confrontos com gênios de outras nacionalidades:

"Afirmo categoricamente que não houve poeta de tanta receptividade universal como Púchkin. E não se trata só de receptividade, mas também assombrosa profundidade, de transfiguração do espírito no espírito dos outros povos, transfiguração quase perfeita e tanto mais maravilhosa quanto sabemos que ela não se encontra em nenhum outro poeta. Com isso, ele expressa a meu ver, da melhor forma, o espírito popular de sua poesia, o espírito popular do nosso futuro. É que a principal força do espírito do povo russo é precisamente a sua tendência, nos objetivos finais, para o universal, para o que se refere a todo o gênero humano. Poeta popular até a medula, enquanto, em contato com a força do povo, Puchkin pressente a grande destinação futura dessa força. E é a isso que se chama profético."

Nikolai Tchernichevski, escritor russo do século passado, que concebeu a literatura como um meio de ação e que teve grande influência com seu romance *Que fazer?*, que se tornou quase uma bíblia da juventude revolucionária russa, escreveu sobre Púchkin:

"O significado de Púchkin é incomensurável. Através dele se divulgou a instrução literária a dezenas de milhares de pessoas. Antes eram poucos os que manifestavam interesse pela literatura. Foi o primeiro a elevar a literatura russa à dignidade de uma causa nacional, enquanto que antes era apenas passatempo agradável e útil para um reduzido número de diletantes. Foi o primeiro poeta que atingiu, aos olhos do público russo, o elevado posto que deve ocupar num país um grande escritor. Toda e qualquer possibilidade de evolução das letras russas foi preparada por Púchkin e, em parte, a ele ficou condicionada."

Depois desses grandes escritores do século XIX, a voz da nascente União Soviética, na palavra de Analólii Vassilievitch Lunatcharski, homem público e acadêmico que participou da Revolução de 1905 e foi o primeiro Comissário para a

Instrução, depois de instalado o governo de Lenin em 1917. Lunatcharsiki escreveu:

"Púchkin foi a nossa primavera, Púchkin foi o amanhecer da Rússia, Puchkin foi o nosso Adão. O que fizeram na Itália Dante e Petrarca, na França os gigantes do século XVII, na Alemanha Lessing, Schiller e Goethe, Púchkin fez para nós ele só...

Púchkin sofreu muito porque o seu gênio maravilhoso, ardente e benfazejo, desenvolveu-se na Rússia ainda crua, quase hiberna, quase envolvida nas trevas da noite. Mas ele teve a primazia entre todos os demais escritores russos. Foi o primeiro e, no direito de primeiro invasor, apoderou-se dos maiores tesouros de toda a literatura russa.

.....

Mas o futuro de Púchkin não foram os anos que passou na terra, não foi o seu fim difamante, nem sequer foi a sua glória imortal. O seu verdadeiro futuro foi o futuro de todo o povo russo."

Ouvidas essas vozes do passado, da Rússia pré-revolucionária e da recém-nascida União Soviética, vejamos um pouco o que dizem de Púchkin os escritores soviéticos contemporâneos, na voz de um grande pensador da atualidade.

Boris Búrsov, a que já me referi, escreveu na comemoração do sesquicentenário de Púchkin um artigo intitulado "O Prodígio da Literatura Russa". Desse artigo, lançado com extraordinária argúcia crítica, merecem ser lidos aqui trechos como estes:

"Não se pode considerar Púchkin apenas como um fenômeno literário. Nele refletiu-se a história de buscas do espírito humano desde milênios. Nele há reflexos impressionantes das idéias de Sócrates e Platão, Erasmo de Rotterdam, Lutero, Descartes, Espinosa, Kant e tantos e tantos outros."

Ainda do mesmo escritor Boris Búrsov:

"Como genial poeta russo, Púchkin baseia a sua criação na história da pátria, mas igualmente grande é o seu interesse pela herança espiritual de toda a humanidade, cuja parte inalienável ele também considera a sua pátria."

Como vê o auditório, busquei pincéis autorizados, tomando-os emprestados aos 150 anos que decorreram depois da morte de Púchkin, para traçar-lhe o retrato como POETA NACIONAL DA RÚSSIA. Quanto ao mais, espero ter conseguido antecipar informações, que só serão cabalmente completadas por quem tiver interesse e paciência para abeberar-se na fonte cristalina e imorredoura de seus livros.

Gostaria de terminar a minha palestra com mais um empréstimo, desta vez muito pequeno, a José Martí, escritor e patriota cubano que, no século passado, foi um dos artífices da independência hispano-americana. Ele escreveu sobre Púchkin:

“Era um homem de todos os tempos e de todos os países — um homem intrínseco, o universo num só peito.”